

## ESTUDO SOBRE AS EMOÇÕES DE JOVENS COM DEFICIÊNCIA EM TURMAS DA EJA

Stephanny Angel de Souza Medeiros Dantas; Flávia Laryssa Gonzaga Rabelo; Fátima Pereira  
Marinho; Taísa Caldas Dantas

*Universidade Federal da Paraíba*

[stephanny\\_dantas@hotmail.com](mailto:stephanny_dantas@hotmail.com); [laryssarabello@gmail.com](mailto:laryssarabello@gmail.com); [fatimamarinho88@gmail.com](mailto:fatimamarinho88@gmail.com);  
[taisa.cd@gmail.com](mailto:taisa.cd@gmail.com)

**Resumo:** Atualmente vivencia-se uma era denominada inclusiva, embora as pessoas com deficiência continuem a sofrer com barreiras que as impedem de ascender socialmente e de acessar espaços de saber-poder. Diante desta situação de vulnerabilidade são necessárias ações significativas no que tange a prática educativa e pedagógica sob as lentes da sensibilização, da inclusão e com o objetivo de possibilitar o empoderamento desses sujeitos. Dessa forma, este trabalho se apresenta como um relato de experiência acerca de vivências de Educação Emocional com jovens com deficiência intelectual em uma Escola Estadual de uma Fundação Paraibana que atende pessoas com deficiência, localizada na cidade de João Pessoa- PB. No âmbito do Núcleo de Educação Emocional (Neemoc) da Universidade Federal da Paraíba, por meio do Projeto de Extensão “Educação Emocional: um caminho para o empoderamento de jovens com deficiência”, tem-se como objetivo levar aos jovens e adultos participantes a experiência de educar-se emocionalmente através dos fundamentos da Educação Emocional, com vistas ao empoderamento. Os resultados deste trabalho apontam que a compreensão acerca das próprias emoções e a vivência saudável das mesmas pode possibilitar às pessoas com deficiência a superação de situações de vulnerabilidade e invisibilidade, oportunizando o empoderamento desses indivíduos como sujeitos de direitos e autores de sua própria história.

**Palavras-Chave:** Educação Emocional, Deficiência Intelectual, Empoderamento, Inclusão.

### Introdução

As pessoas com deficiência são atores historicamente marcados por diversos tipos de exclusão e estigmas. Por um longo período, os sujeitos pertencentes a esse grupo social eram classificados como inválidos e anormais, sobretudo a partir da hegemonia da narrativa biomédica que classificou as pessoas com deficiência sob uma perspectiva patológica, em que os corpos diferentes deveriam ser “corrigidos” (GAUDENZI, ORTEGA, 2016, p. 3063). As

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

narrativas sobre a deficiência foram tardiamente aderidas ao campo das ciências sociais e humanas (DINIZ, BARBOSA, SANTOS, 2009, p.65), o que gerou um grande impacto na compreensão das subjetividades trazidas por esses sujeitos no que tange a dimensão social.

Juntamente ao Movimento do Direito dos Deficientes, a partir da década de 60, as reivindicações acerca da participação, atuação e do direito à voz das pessoas com deficiência se tornaram cada vez mais fortes. No âmbito legislativo brasileiro, inicia-se o processo de inclusão das pessoas com deficiência e demais grupos vulneráveis a partir da promulgação da Constituição Federal, em 1988. A Constituição consagra o direito à educação como direito subjetivo de todos os cidadãos, independente de classe, gênero, raça, deficiência, ou etnia. Este direito é ratificado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (n. 9.394/96), na qual é citado no Art. 58: “Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”. Entretanto, apesar dos avanços significativos nas mais diversas esferas, as pessoas com deficiência continuam a enfrentar grandes desvantagens no que tange ao acesso, permanência, participação e na efetividade dos seus direitos básicos à uma educação de qualidade e à ocupação dos espaços de saber-poder.

Ainda nos dias atuais, através da disseminação de ideias e crenças infundadas a respeito da aprendizagem e do desenvolvimento de pessoas com deficiência, criam-se inúmeras barreiras sociais que impedem a ascensão e o desenvolvimento pleno desses sujeitos. Refletindo negativamente sobre a escolarização desse grupo social, o preconceito e a exclusão ainda são reproduzidos no chão das escolas. As instituições de ensino inseridas no atual paradigma mercantilista continuam a prezar pelo ensino tecnicista e acrítico, centrados apenas nos aspectos cognitivos, através do qual são excluídas as dimensões emocionais e sensitivas dos sujeitos (SHIMONO, 2008). Esse atual modelo escolar enaltece a competição, a repetição, a padronização e a não aceitação das diferenças.

A atual realidade educacional demonstra a necessidade de enxergarmos a prática educativa e pedagógica sob as lentes da sensibilização, da criticidade, da inclusão e principalmente da igualdade de direitos, garantindo o que por muitos anos foi negado às pessoas com deficiência.

Considerando o sujeito como ser integral, é preciso reconhecer as vivências cotidianas dos educandos, as emoções que são afloradas e que podem estar carregadas de sensações positivas ou negativas. O preconceito, a exclusão e a não aceitação são alguns dos possíveis eventos a serem presenciados pelas pessoas com deficiência e outros grupos vulneráveis, os

quais podem interferir na autoestima, na construção da identidade e na forma com que essas pessoas se enxergam e se relacionam (FERREIRA, 2009).

Dessa forma, a instituição de ensino como espaço de socialização traz consigo a possibilidade de realizar essa reflexão acerca das emoções, sendo de fundamental importância trazer ao cotidiano escolar uma prática educativa que leve em consideração os aspectos emocionais dos sujeitos, campo em que atua a Educação Emocional. Este campo surge trazendo um novo saber e um novo olhar sobre as práticas educativas, se configurando como uma importante ferramenta de prevenção. Nas palavras de (BISQUERRA, 2000), a Educação Emocional pode ser compreendida como um:

Processo educativo, contínuo e permanente, que pretende maximizar o desenvolvimento emocional como complemento indispensável do desenvolvimento cognitivo, constituindo elementos essenciais do desenvolvimento integral da personalidade. Para isso se propõe o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades sobre as emoções com o objetivo de capacitar o indivíduo para melhor responder os desafios que surgem na vida cotidiana. Tudo isso como a finalidade de aumentar o bem estar pessoal e social. (p. 243)

Através da Educação Emocional é oferecida aos indivíduos a possibilidade de se educar emocionalmente, de identificar as emoções em si mesmo e de aprender a conviver com elas, conseqüentemente despertando a inteligência intrapessoal que “[...] é a capacidade de ver dentro de si mesmo. É a possibilidade que tem cada um de ver seus próprios sentimentos [...]” (CASASSUS, 2009, p.132).

Dentro desse contexto, o objetivo desta pesquisa é analisar as emoções de estudantes com deficiência a partir de um projeto de extensão promovido pelo Núcleo de Educação Emocional (NEEMOC) da Universidade Federal da Paraíba. Por meio dessa experiência, foram desenvolvidas vivências de Educação Emocional para jovens com deficiência da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com a finalidade de contribuir para o seu empoderamento. Foi oferecido aos participantes a possibilidade de se autoconhecer através da sua emocionalidade, bem como de se perceber cidadãos de direito, compreendendo a sua importância como seres coletivos e individuais.

## **Metodologia**

Este trabalho surgiu no âmbito do Núcleo de Educação Emocional (Neemoc) da Universidade Federal da Paraíba, através do Projeto de Extensão “Educação Emocional: um caminho para o empoderamento de jovens com deficiência”. O campo no qual ocorreu a

(83) 3322 3222  
contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

experiência foi a Escola Estadual de Educação Especial Ana Paula Ribeiro Barbosa Lira, localizada na Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad).

O referido projeto é a continuidade de dois outros projetos realizados na mesma instituição nos anos de 2016 e 2017, que tinham como foco oficinas formativas em Educação Emocional para professores/as e profissionais da Educação Especial. No atual projeto, o foco passou a ser os próprios estudantes com deficiência, visando dar visibilidade às suas emoções e contribuir com o seu empoderamento.

Os sujeitos participantes do projeto são 27 jovens com deficiência intelectual que estudam em três turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da escola, sendo 19 jovens do sexo feminino e 8 do sexo masculino na faixa etária de 16 a 35 anos.

Primeiramente foi feito o contato com a escola para identificar as turmas e alunos/as que iriam participar do projeto. Após isso, foram realizadas quatro intervenções em cada turma, totalizando doze encontros, que ocorreram durante os meses de maio e junho de 2018.

Como instrumento de pesquisa foi utilizado o Diário das Emoções, no qual conta com perguntas abertas sobre situações que poderiam desencadear determinadas emoções (medo, raiva, tristeza, dentre outras), solicitando que o respondente descrevesse a situação. Cada encontro correspondeu a uma emoção do Diário. Foram cumpridas todas as exigências científicas, incluindo a confidencialidade e o consentimento da escola e das famílias. O questionário foi construído e aplicado pela equipe do projeto, bem como adaptado para atender às necessidades dos jovens com deficiência.

Como alguns alunos/as possuem dificuldades de leitura e escrita, o diário foi aplicado de maneira que eles pudessem responder oralmente às perguntas. Além disso, antes de ser aplicado, foram realizadas vivências para que os alunos/as pudessem compreender a emoção que estava sendo trabalhada em cada intervenção. Nesses momentos foram utilizados recursos didáticos como fotografias, música, dança, pintura de mandalas, dinâmicas de relaxamento e contação de histórias.

As intervenções se deram acerca das emoções básicas, ou primárias, dentre as quais foram selecionadas: 1. Tristeza; 2. Medo; 3. Raiva. As emoções básicas são aquelas inatas “e presentes em todas as culturas, revelando um padrão universal biológico de resposta, claramente identificado através do comportamento, da ativação corporal e da expressão facial” (POSSEBON, 2017, p. 67).

As intervenções ocorreram nas datas informadas no quadro abaixo:

Intervenção da Tristeza	21 e 22 de Maio
Intervenção da Raiva	28 e 29 de Maio
Intervenção do Medo	11 e 12 de Junho

Cada vivência foi dividida em cinco momentos:

1. Contato inicial com a turma e apresentação da emoção a ser trabalhada no dia através da utilização de recursos didáticos, como imagens de expressões faciais e/ou música e/ou dança.
2. Apresentação de um livro com imagens fotográficas de situações que remetesse à emoção.
3. Diálogo com a turma e pergunta oral sobre a emoção contida no Diário, além de registro das respostas coletadas com auxílio de um gravador de voz.
4. Após a coleta, ou mesmo durante algumas ocasiões, era proposta uma atividade (pintura de mandalas; dinâmica de desenho, entre outros).
5. Finalização da intervenção, com recolhimento de pinturas ou desenhos, além de agradecimentos a alunos/as e professoras.

Após a realização das intervenções, foram feitas as transcrições dos áudios e a catalogação dos dados recolhidos para análise. A análise desses dados ocasionou neste trabalho de relato de experiência acerca dessas intervenções, as quais ocorreram no âmbito do Projeto de Educação Emocional.

## **Resultados e Discussão**

### *A vivência da tristeza em jovens com deficiência*

A emoção da tristeza “está vinculada com uma perda de algo importante, ocasionando no indivíduo um complexo estado de ânimo que vai desde a redução da atividade cognitiva e motora até a elaboração de pensamentos ruminantes, destrutivos ou pessimistas” (POSSEBON, 2017, p. 62). Podemos afirmar que a tristeza é uma reação própria e esperada (GONSALVES, 2015), por isso, não existem motivos para afirmar que ela é uma emoção

negativa, ou mesmo que não podemos nos entristecer, visto que ela possui uma função como as demais emoções.

O Estímulo Emocional Competente-EEC é um evento relevante ou um ativador emocional que pode ser interno ou externo ao sujeito. Esse estímulo gera uma resposta no organismo de acordo com a sua leitura da situação (POSSEBON, 2017; MARTINS, 2004). Através dessa pesquisa, foi possível elencar como principais estímulos competentes para gerar a emoção da tristeza entre jovens com deficiência intelectual os seguintes fatores: saudade; morte; brigas familiares; rejeição; chateações; e a ausência da escola.

A saudade e a morte de entes queridos surgiram como estímulos esperados para a emoção, 1. *“eu sinto saudades do meu falecido avô”*, 2. *“Fico sozinha em casa, aí me lembro da minha mãe, que Deus a tenha, ela já se foi, aí fico triste”*, uma vez que a tristeza está relacionada à perda de algo ou alguém e também está relacionada ao apego, que é uma forma de vínculo afetivo (POSSEBON, 2017). Nesse sentido, para se sentir triste pela morte ou ausência de alguém, esse alguém deve ter um vínculo emocional com a pessoa que está triste.

Sabe-se que a pessoa com deficiência, mesmo nos dias de hoje onde o conhecimento acerca das suas subjetividades e de seus direitos é amplamente difundido, continua sendo alvo de preconceito e rejeição. Somado a isso, o abandono de crianças, principalmente as que possuem deficiência, por parte dos pais e familiares é comumente realizado no Brasil. Sendo assim, o abandono foi presente nas falas dos jovens ao afirmarem o que os deixavam tristes. 1. *“Quando minha mãe me abandonou, ela não tinha mais condições de me criar (...)”*, 2. *“Meu pai me abandonou quando eu tinha dois anos”*.

Além disso, se podem registrar recorrências sobre a tristeza relacionadas à rejeição e chateações praticadas por familiares e conhecidos. Relatos como: 1. *“O motorista lá de onde eu moro não gosta de mim, nem da minha mãe”*; 2. *“Minha tia, ela diz coisa ruim comigo”*; 3. *“O que me deixa mais com vontade de chorar é as meninas lá da comunidade, que ficam mexendo comigo”*, são muito presentes na pesquisa. Esta realidade de discriminação revela a situação de vulnerabilidade em que essas pessoas são colocadas (FERREIRA, 2004), e que deve ser superada.

Outro fator gerador da tristeza nos jovens com deficiência é a ausência da escola, de forma que foi comum encontrar no discurso dos participantes o fato de que não ir à escola os deixam muito tristes: 1. *“Quando não tem ônibus para vir pra escola fico eu muito triste”*; 2. *“Quando não venho pra escola eu choro”*. Isto mostra que a escola representa um ambiente acolhedor para estes jovens. Essa realidade difere do que foi analisado em outro projeto do Núcleo de Educação Emocional (Neemoc/UFPB), denominado “Emoções na Escola”, em que

adolescentes sem deficiência revelam diversos fatores presentes na escola como estímulos desencadeantes da tristeza, como a adaptação à escola, o *bullying*, a violência e o fracasso escolar.

### *A vivência do medo em jovens com deficiência*

Sendo compreendido como “[...] a maior herança emocional do processo de evolução humana, pelo seu valor de sobrevivência.” (POSSEBON, 2017, p.19), o medo se apresenta como uma das emoções básicas, ou primárias. Assim como as demais emoções, o medo é uma reação natural e pode ser caracterizado como uma resposta imediata do organismo que se manifesta a partir de um estímulo ou situação, gerando movimentos e expressões, bem como causando sensações corporais (POSSEBON, 2017).

Através da análise dos dados coletados entre os jovens com deficiência durante a vivência do medo, foi possível perceber que animais e insetos; escuro; perda das pessoas que ama; e o medo de ficar sozinho aparecem como os principais estímulos emocionais capazes de provocar esta emoção. Ao considerar as questões de sobrevivência e bem-estar como pontos chave na resposta emocional (POSSEBON, 2017), ficou evidente que, no trecho a seguir, o medo da forma em que é colocado representa uma ameaça ao bem-estar do participante e ao vínculo afetivo no qual se tem com a família *“Medo de perder a família porque eu gosto muito, como eu já perdi o irmão de painho com 40 anos, com câncer”*.

Outro fator desencadeante do medo entre jovens com deficiência está relacionado aos animais e insetos, como afirma um dos sujeitos da pesquisa: *“Medo de escorpião, né? Querer picar... Os bichos perigosos que a gente não pode tocar, porque se tocar ele vai lá em cima e morde... Tem que evitar esses bichos... Acaba tendo que se proteger desses animais peçonhentos”*. Essa reação automática de proteção e defesa que esses animais ou insetos perigosos nos causam, é explicada devido ao medo se caracterizar como uma forma de reação e ação, apropriada para as situações de perigo (MARTINS, 2004, p. 38). Portanto, é correto afirmar que o medo de animais e insetos também pode ser comum entre pessoas que não possuem deficiência.

Sabendo que a dinâmica de vida experienciada pelos jovens com deficiência perpassa diversos desafios e barreiras socialmente impostas, vale considerar que esses aspectos podem ser causas efetivas no despertar da emoção do medo. Essa afirmativa nos leva a interpretar as respostas desses jovens com um olhar crítico acerca das subjetividades trazidas por eles.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

Como por exemplo, para adolescentes que não possuem deficiência, o medo de ficar/sair sozinho “[...] antes ligado à insegurança da criança que necessita de um adulto protetor, agora, na adolescência, pode estar ligado ao medo de crescer, tornar-se independente de seus pais, de ter de confrontar-se consigo mesmo.” (SCHOEN, VITALLE, 2012, p.75). No caso dos jovens com deficiência, o medo de ficar sozinho pode estar relacionado à insegurança que a deficiência pode trazer, na qual os levam a acreditar que são incapazes de realizar tarefas cotidianas ou de saírem sozinhos, sem o auxílio de uma pessoa adulta.

De acordo com (CASASSUS, 2009, p.143) “Ao entrar na emoção e nos mantermos nela, tomando consciência de como ela se dá e/ou de como a evitamos, produzimos sua aceitação e a possibilidade de sua transformação”. Durante a vivência, através das falas sobre os estímulos que geram a emoção do medo nos jovens participantes, inferimos que a presença da consciência sobre a emoção sentida pode levar ao enfrentamento da situação que causa o medo: *“Meus dentes... Tenho medo de ir ao dentista. Eu vou fazer... Vou ao dentista”*. Essa resposta nos revela que educar-se emocionalmente pode refletir diretamente no enfrentamento de situações que nos causam desagrado ou desconforto, oferecendo a possibilidade de transmutação e empoderamento.

#### *A vivência da raiva em jovens com deficiência*

A raiva é caracterizada como “uma resposta primária e imediata do organismo quando se percebe impedido na consecução de um objetivo ou na satisfação de uma necessidade [...] ela prepara o corpo para enfrentar uma situação considerada ofensiva ou depreciativa” (POSSEBON, 2017). Durante a realização das intervenções, ficou evidente que o estímulo gerador da raiva mais recorrente nos jovens com deficiência foi a frustração:

1. *“Às vezes é raiva dos ônibus que demoram demais”*; 2. *“Quando meu tio promete que vai me levar pra passear, aí tem dias que ele não pode e eu fico muito brava, porque ele promete e não cumpre às vezes”*; 3. *“O Vasco, quando ele perde eu fico com raiva”*.

Corroborando com Possebon (2017), a frustração se apresenta como o insucesso de uma meta que se deseja alcançar. Na segunda fala demarcada, nota-se que o contexto da frustração evoca um sentimento de protesto contra alguém, que no caso é o familiar citado que “prometeu e não cumpriu”. A frustração também está relacionada a situações em que as pessoas se sentem desiludidas, a exemplo da terceira fala citada acima, na qual o cenário desencadeador é apontado como a derrota do time de futebol preferido.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)



O *bullying* também surge nas falas dos jovens, 1. “*O que me deixa com raiva é quando a pessoa ‘manga’ de mim, quando ri de mim eu não gosto, fico com raiva*”; 2. “[...] *quando mexem comigo, meus irmãos*”. O *bullying* se manifesta juntamente ao preconceito e pode suceder em agressões físicas, em que “[...] as características principais do *bullying* que o distinguem de outros acontecimentos cotidianos é que seu caráter é intencional.” (TOGNETTA, 2005, p.4). 1. “*O meu tio. Ele me belisca e me bate, diz coisa comigo e eu choro*”.

Outro estímulo pontuado como gerador da emoção da raiva nos jovens foi o preconceito, facilmente detectado na seguinte fala: 1. “*Tem uma mãe de uma colega que ela não deixa ela nem conversar comigo [...] a mãe dela chama ela pra não falar comigo, sinto raiva disso*”. O preconceito às pessoas com deficiência pode ser caracterizado como um mecanismo de negação social, em que suas diferenças são destacadas como uma falta, carência ou impossibilidade. Ao emergir de um comportamento pessoal, no qual não deve ser atribuído apenas ao sujeito, o preconceito não se restringe a exercer uma função irracional da personalidade (SILVA, 2006), sendo também resultante das relações em sociedade.

Ser impedido de algo, de tomar suas próprias decisões também foi um fator gerador da raiva nos jovens, conforme é observado através das seguintes falas:

1. “*É porque quando eu fico sozinha em casa, aí meu pai não deixa eu ficar em casa, aí ele quer que eu saia junto. Aí eu fico irritada, eu pego a cadeira e jogo, quero ficar em casa [...] Ele fica de olho em mim, fica falando (NOME DA ALUNA) é isso, (NOME DA ALUNA) vai dormir, aí eu digo é NÃO! Você não manda em mim! Quem manda na minha vida sou eu!*”;
2. “*Quando meu pai não deixa eu fazer nada com ele pra ajudar. Ai eu fico com raiva e triste e magoada e com bastante raiva*”.

De acordo com Possebon (2017) a raiva também surge quando uma pessoa se depara com uma injustiça. Nos relatos dos jovens com deficiência, percebe-se que eles se sentem injustiçados ao serem impedidos de algo, demonstrando que eles não possuem o poder de tomar suas próprias decisões. Um caminho para conquistar esse poder, para se empoderar, está em conhecer a si mesmo, em desenvolver suas potencialidades e ser capaz de direcionar sua vida de acordo com os seus desejos (DANTAS, 2014).

A Educação Emocional se mostra fundamental neste processo, uma vez que proporciona ao sujeito o autoconhecimento através da consciência de suas próprias emoções e possibilita uma vivência sadia diante da sua emocionalidade, assim como permite o enfrentamento das situações de preconceito e exclusão que tornam os indivíduos deste grupo tão vulneráveis.

## Conclusões

O presente estudo possibilitou a identificação dos fatores que provocam as emoções da tristeza, medo e raiva em jovens com deficiência intelectual de turmas da EJA. Com o foco de compreender a vivência emocional desses jovens, as intervenções realizadas a partir dos fundamentos da Educação Emocional evidenciaram que as questões relacionadas à deficiência ainda interferem nas emoções dos participantes.

Durante a análise dos dados coletados acerca da vivência da tristeza entre os jovens, surgiram os seguintes fatores: saudade; morte; brigas familiares; rejeição; chateações; e ausência da escola como principais estímulos competentes para gerar a emoção. Entretanto, apesar de aparecer em um dado sobre a tristeza, neste cenário, a escola se apresentou como um fator positivo entre os jovens, que relataram se sentir tristes quando não vão à escola.

Dentre os estímulos que potencialmente podem gerar a emoção do medo nos jovens, os animais e insetos; o escuro; perder as pessoas que ama; e o medo de ficar sozinho foram os que mais se evidenciaram nas respostas obtidas através da vivência realizada. Comumente relacionado à emoção do medo entre jovens de modo geral, medo de ficar sozinho quando visualizado através da perspectiva dos jovens com deficiência, pode representar um dado significativo no que tange à insegurança e às limitações trazidas pela deficiência.

A raiva se apresentou entre os jovens com deficiência através do enfrentamento de situações potencialmente causadoras desta emoção, tais como: frustrações; *bullying*; preconceito; agressão física; e ser impedido de algo. Esta emoção, porém, compõe um papel fundamental no despertar dos jovens para o enfrentamento de situações as quais estão sujeitos.

Por fim, concluímos que este trabalho se demonstra fundamental, uma vez que a compreensão acerca das próprias emoções e a vivência saudável das mesmas pode possibilitar às pessoas com deficiência a saída de situações de vulnerabilidade e invisibilidade, oportunizando o empoderamento desses indivíduos como sujeitos de direitos e autores de sua própria história.

## Referências Bibliográficas

BISQUERRA, Rafael Alzina. **Educación Emocional y Bienstar**. Espanã. Wolter Kluwer Educación. 2000.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Decreto** n. 9.394, de 20 de dez. de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Brasília, DF, dez. 1996.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação Emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livros Editora, 2009.

DANTAS, T. C. **Estudo da autoadvocacia e do empoderamento de pessoas com deficiência no Brasil e no Canadá**. Tese (Doutorado em Educação).UFPB/CE. João Pessoa, 2014.

DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W.R. Deficiência direitos humanos e justiça. **Revista internacional direitos humanos**. vol. 6 no. 11 São Paulo, 2009.

FERREIRA, Windyz Brazão. **Invisibilidade, crenças e rótulos**: reflexão sobre a profecia do fracasso educacional na vida de jovens com deficiência. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE SÍNDROME DE DOWN FAMÍLIA, AGENTE DA INCLUSÃO, Salvador, 09 a 11 de setembro, 2004. **Anais...** Salvador: Federação da Síndrome de Down, 2004.

\_\_\_\_\_. **EJA e Deficiência**: estudo da oferta da modalidade EJA para estudantes com deficiência. In: AGUIAR, Márcia Angela (org.). **Educação de Jovens e Adultos: o que dizem as pesquisas**. Recife: Gráfica J. Luiz Vasconcelos, 2009.

GAUDENZI, Paula. ORTEGA, Francisco. **Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(10):3061-3070, 2016.

GONSALVES, Elisa. Pereira. **O livro das emoções**: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais. Curitiba, PR: CRV, 2015.

MARTINS, J. M. **A lógica das emoções na ciência e na vida**. Editora Vozes, Petrópolis, 2004.

POSSEBON, E. G. **As emoções básicas**: medo, tristeza e raiva. Libellus. João Pessoa, 2017.

POSSEBON, E. G. **O universo das emoções**: uma introdução. Libellus. João Pessoa, 2017.

SCHOEN, Teresa Helena. VITALLE, Maria Sylvia. Tenho medo de quê? **Revista Paul Pediatr** 2012; 30(1):72-8. Unifesp, São Paulo, SP, Brasil. 2011.

SHIMONO, Sumiko Oki. **Educação e Trabalho:** caminhos da inclusão na perspectiva da pessoa com deficiência. São Paulo: s.n, 2008. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

SILVA, Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.33, set./dez. 2006.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino (2005). **Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos.** In: Pontes, Aldo; De Lima, V. S.: Construindo saberes em educação. Porto Alegre: Editora Zouk.